

A MIGRANTE AFRICANA: PROCESSOS IDENTITÁRIOS E RESISTÊNCIA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO¹

Luana Caetano Thibes²
Dra. Daiana Nascimento dos Santos³

INTRODUÇÃO

Os processos migratórios são, por diversas vezes, reflexo de ações favorecedoras da economia de países dominantes em detrimento da economia dos países considerados subdesenvolvidos, muitos desses localizados no continente africano. Nesses processos, as nações emissoras geralmente são impactadas negativamente, com a perda de mão de obra – qualificada ou não – para as nações receptoras, além do investimento na educação da população, que aplicará seus conhecimentos para o crescimento de outro país, acarretando na desestabilização política e econômica do emissor⁴.

Nesse contexto se encontram as viagens do continente africano para o resto do mundo, motivadas principalmente pelo histórico de colonização ainda recente em muitos países da África. Histórico este que coloca esse continente como zona periférica no que se refere ao processo de globalização, graças a artifícios que o empobrecem, ainda fortemente dominado pelos grandes impérios ocidentais. Nesse bojo, os processos migratórios enfraquecem ainda mais a economia já abalada dos países nessa condição, tornando-os mais marginalizados e criando, assim, uma cadeia de evasão.

As consequências desencadeadas pelo alto grau de evasão têm impacto não apenas a nível universal, mas também quando pensamos no indivíduo que está

¹ O presente trabalho está vinculado aos projetos: "Pasados que se entrelazan: representaciones contemporáneas sobre (¿el fin?) de la esclavitud" de CONICYT/FONDECYT de Postdoctorado, Folio 3160158 e "O oceano de fronteiras invisíveis: Literatura em língua inglesa e portuguesa e fluxos epistemológicos" da Fapesb/Universal (código: 9248).

² Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. luanacthibes@gmail.com

³ Doutora em Estudios Americanos - mención Pensamiento y Cultura. Professora de Literatura Comparada, vinculada ao programa de Doutorado em Literatura Hispânica do Centro de Estudios Avanzados/Universidad de Playa Ancha, UPLA Chile. Daiana.nascimento@upla.cl

⁴ Nessa abordagem julgamos a asserção de Mbuyi Kabunda Badi (2012), quando discute sobre migrações internas e externas na África, muito pertinente, se a consideramos dentro do que o autor propõe como países 'emissores e 'receptores'.

Nesse trabalho, utilizaremos o conceito de 'migração' para nos referir aos processos de deslocamentos inter/transcontinentais dos povos. Consideramos que o referido termo, dá conta de explicar os movimentos populacionais, os fenômenos e as dinâmicas individuais e coletivas vinculados a esses processos na atualidade.

transitando entre estas fronteiras invisíveis. Indivíduo que está representado em diversas obras literárias que se preocupam em retratar a repercussão da viagem quanto a questões identitárias, a adaptação aos costumes estrangeiros e o reconhecimento de si a partir do *Outro*.

É o caso do romance nigeriano *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, que retrata a mudança de uma jovem universitária nigeriana para os Estados Unidos, e acompanha suas descobertas sobre raça, enquanto toma conhecimento da realidade de ser uma migrante negra. A partir do olhar de Ifemelu, o leitor tem acesso ao processo de migração, quais os possíveis motivos que fazem uma jovem enxergar os Estados Unidos da América como principal destino para melhores condições de vida e como a personagem passa a se ver enquanto mulher negra e quais mecanismos de resistência à hegemonia ocidental ela desenvolve ao longo de sua estadia no país estadunidense.

O presente artigo tem por objetivo apresentar esse processo de migração retratado no romance de Adichie, focando nas experiências vividas pela mulher negra, desde vivências em seu país de origem, passando pela descoberta enquanto negra e pela adaptação ao que se espera dela – tanto no que concerne à nacionalidade, quanto à raça e ao gênero –, e finalmente chegando ao momento do despertar crítico, em que a personagem questiona os padrões impostos, encontrando formas de resistência.

Para tanto, além de excertos da obra analisada, nos baseamos nos estudos de Maestro (2012) quanto ao papel da África no mundo globalizado e a noção de desenvolvimento imposta pelo modelo hegemônico, além da teoria de Fanon (2011) quanto ao grupo que foi racializado. Também utilizamos as abordagens de Santos (2014), ao falar dos estereótipos que definem africanos e seus descendentes, e a teoria de Badi (2012), que apresenta possíveis vantagens das migrações tanto para o país emissor quanto para o receptor.

MOTIVAÇÕES MIGRATÓRIAS

Enquanto continente marginalizado, a África apresenta diversos fatores que a fazem ser vista como “subdesenvolvida”, e que, somados ao imaginário do colonizado em relação aos países do norte, fazem com quem os habitantes africanos enxerguem a migração como estratégia de prosperidade.

De acordo com Maestro (2012), o motivo do deslocamento em massa da população africana é consequência das condições de pobreza do continente, causadas pela exploração dos recursos naturais pela globalização capitalista. Ela afirma:

En África existen datos “objetivos” de empobrecimiento: supresión de empleos en la Función Pública, bajada de las remuneraciones públicas, crisis en la venta de materias primas, alza de los precios de alimentos básicos, aumento de los precios

de productos agrícolas y medicamentos, carencias alimenticias. (MAESTRO, 2012, p. 2)

Os sintomas elencados pela autora são resultados diretos do sistema econômico mundial, e funcionam como critérios para medir a pobreza de um país ou continente. É o caso da Nigéria, representado no romance analisado neste artigo, e que, de acordo com a análise de Badi (2012), é considerado um país tanto receptor quanto emissor de migrantes, devido a sua situação econômica e política intermediária – superior a muitos países africanos e inferior a países ocidentais.

O país, embora apontado como emergente, sofre devido à instabilidade econômica e política, herança do passado colonial inglês e das instabilidades políticas decorrentes do mesmo. Além disso, o alto índice de corrupção influencia diretamente os serviços de educação, saúde e segurança.

Americanah (2014) destaca essa infraestrutura defasada como elemento-chave para a viagem de Ifemelu, que, enquanto estudante universitária, tem sua educação descontinuada devido a greves contínuas e, ao conseguir uma bolsa de estudos estadunidense, se desloca para os Estados Unidos.

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destruídos por membros do governo cujos filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, as salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país. (ADICHIE, 2014, p. 109)

Enquanto a educação no país é de fato prejudicada devido às greves consecutivas, nota-se que em nenhum momento os estudantes de classe média nigerianos cogitam outros países africanos, tampouco países asiáticos ou latino-americanos, como destino. O ideal eurocêntrico está tão enraizado no imaginário dos habitantes da ex-colônia que os únicos países considerados nas rodas de conversa são os europeus e norte-americanos.

Essa crença, comum entre indivíduos pós-coloniais, é fruto da imposição do modelo ocidental enquanto referência de civilidade. Maestro afirma que devido a essa imposição de um modo de vida ideal, grande parte dos habitantes do Sul adota como objetivo ascender ao modelo de vida ocidental seja viajando para tais países-modelo, consumindo produtos exportados ou mesmo adotando comportamentos ocidentalizados. É o que a autora define como “colonização das mentes” (MAESTRO, 2012, p. 3).

O romance nigeriano apresenta diversas situações em que podemos observar mentes colonizadas, quando discussões acerca do ensino, dos filmes, de produtos,

sempre giram em torno de duas opções: países europeus ou Estados Unidos. Ao passo que em tais discussões ambas as opções contam com defensores fervorosos, o produto nacional sequer entra na conversa ou, quando entra, é abordado de forma a ser ridicularizado. O conhecimento eurocêntrico, entretanto, é celebrado, visto como sinal de triunfo e distinção para quem o possui.

Obinze era fluente em seu conhecimento das coisas de fora, especialmente as que vinham dos Estados Unidos. Todos assistiam a filmes americanos e trocavam revistas americanas com as folhas apagadas, mas ele sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás. [...] “Você está parecendo uma negra americana” era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 76)

Logo, ser chamada de “uma negra americana” seria considerado o maior dos elogios entre as mentes nigerianas colonizadas. Seria o mesmo que ser chamada de “bela” e, principalmente, “civilizada”, correspondendo ao parâmetro estipulado pelo colonizador branco.

Contudo, ao migrar para o centro, Ifemelu tem a possibilidade de refletir sobre seu lugar enquanto mulher negra, e sobre a inviabilidade de adequação ao modelo hegemônico ocidental branco, sendo sempre vista como inferior e passível de melhoras – que nunca alcançarão o parâmetro imposto.

A IMIGRANTE AFRICANA NOS ESTADOS UNIDOS

O alto índice de migrações para os Estados Unidos pode ser explicado por diversos fatores. Pode-se afirmar, contudo, que o chamado imperialismo norte-americano exerce grande parte da interferência nos deslocamentos contemporâneos, devido ao status de país dominante econômica, militar, cultural e politicamente falando. Sua influência em relação ao resto do mundo se dá de forma impositiva, reforçando a noção de superioridade do padrão eurocêntrico, adotada pelo país. Dessa forma, quando se pensa em melhores condições de saúde, educação e segurança, os Estados Unidos são comumente vistos como primeira opção de destino, devido ao imaginário desenvolvido por comunidades periféricas.

Por consequência, existem nos Estados Unidos diversas comunidades de estrangeiros e descendentes ocupando o mesmo território, devido ao caráter segregatório do país. Essas comunidades se dividem e subdividem, agrupadas por raça, continente, nacionalidade, classe social etc. Assim, as comunidades africanas são comumente vistas como inferiores, em virtude do passado de escravização.

Dos migrantes que chegam ao país, exige-se adequação imediata ao sistema

vigente, tanto dos brancos que esperam serventia e inferioridade quanto dos negros que esperam familiaridade com os diversos mecanismos de defesa em relação às práticas racistas, veladas ou não.

Segundo Santos, “[...] los africanos y sus descendientes han sido vistos desde los inicios a partir de una construcción discursiva compleja producida por el discurso social que ha pretendido encapsularlos bajo estereotipos” (SANTOS, 2014, p. 201). Isso significa que, ao migrar para os Estados Unidos, o africano perde sua individualidade, sendo imediatamente inserido na construção discursiva que o estereotipa. Como é apresentado em *Americanah* (2014), quando a protagonista compreende que se encaixa em um padrão racial que nunca a preocupou em seu país de origem.

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. (ADICHIE, 2014, p. 239)

Durante o processo de adequação e inserção social, Ifemelu tenta mimetizar o padrão dominante, não só integrando o grupo subalterno de mulheres negras, mas se moldando à imagem do opressor. Assim, ela refaz o caminho de milhões de outras mulheres negras/latinas/asiáticas.

Tais grupos racializados são frequentemente alienados, direcionados a acreditar que suas práticas socioculturais são inferiores e tribais, passíveis de riso. Fanon afirma:

Porque nenhuma outra solução lhe é permitida, o grupo social racializado tenta imitar o opressor e com isso desracializar-se. A “raça inferior” nega-se como raça diferente. Partilha com a “raça superior” as convicções, as doutrinas, e tudo o que lhe diz respeito. (FANON, 2011, pp. 279-280)

Ou seja, a imposição hegemônica é tão intensa que o grupo marginalizado se nega enquanto Outro, em uma corrida pela aproximação à imagem do opressor, como tentativa de aceitação.

O caso da mulher, especificamente, é ainda mais cruel. Enquanto gênero historicamente subalternizado, a mulher já sofre ataques diários à autoestima, o que implica na necessidade de se modificar de forma a corresponder a padrões. No caso da mulher negra, por sua vez, essa situação é impactada duplamente, e a mulher negra migrante, triplamente, obrigada a se adaptar a padrões impossíveis. Na obra de Adichie, essa adequação é retratada quando Ifemelu, em busca de um emprego, tem que abrir mão de suas tranças e de seu sotaque, pois no contexto em que ela se encontra os cabelos alisados passam a impressão de profissionalismo.

Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego”. (ADICHIE, 2014, p. 220)

Inicialmente, a personagem não questiona o motivo de ter que alisar o cabelo, apenas o faz porque precisa de trabalho. Ifemelu não se pergunta por que deve mudar sua aparência nem mesmo quando passa por queimaduras e ardências devido à quantidade de química utilizada em sua cabeça, nem quando a cabeleireira a “elogia” após o tratamento, afirmando: “‘Arde um pouco’, [...] ‘Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!’” (ADICHIE, 2014, p. 221). No contexto em que ambas se encontram, ter um cabelo que balance como o de uma mulher branca é visto como sucesso, e o caminho para problematizar essa crença é trilhado por poucas.

NEGRITUDE E RESISTÊNCIA

Apesar dos esforços constantes do opressor para submeter grupos minoritários a seus parâmetros, a partir de reflexões críticas esses grupos subalternizados podem aos poucos se libertar dos sutis mecanismos de controle hegemônico. Nesse sentido, as comunidades formadas por grupos étnicos servem enquanto círculo de confiança e troca de experiências, acelerando o processo de conscientização de grupos inteiros.

Esse é o momento do despertar da tradição e da cultura anteriormente abafada. Fanon declara que “a cultura capsulada, vegetativa, após a dominação estrangeira, é revalorizada. Não é repensada, retomada, dinamizada de dentro. É clamada” (FANON, 2011, p. 283). Surgem então frentes de resistência, que no caso dos africanos e africanos-descendentes se ocupam em resgatar – ou mesmo desenvolver – o sentimento de orgulho racial, de conscientização da riqueza da cultura negra.

Ifemelu experimenta esse orgulho ao assumir novamente os cabelos crespos, e se aproximar de uma rede de mulheres negras que fizeram o mesmo, em busca de apoio e aceitação. A protagonista pode contar, então, com a força do grupo para não apenas levantar seu moral, mas também para discutir outros tópicos voltados para a opressão que sofrem diariamente, mesmo que não percebam à primeira vista.

Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr da chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam os comentários mandando “abraços”. Reclamavam que as revistas feitas para os negros nunca tinham mulheres de cabelo natural em suas páginas [...]. Esculpiam para si mesmas um mundo virtual onde seu cabelo

enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. (ADICHIE, 2014, pp. 230-231)

As mulheres que se unem para ajudar umas as outras na empreitada contra o padrão dominante sentem falta de representação mesmo nos produtos feitos especificamente para elas, como as revistas publicadas para o público negro. Estas mesmas mulheres se reúnem no mundo virtual e dessas discussões podem surgir muitas outras ações para fugir do modelo, sejam ações contra imposições de gênero, etnia ou raça.

É a partir dessas reuniões informais que ocorrem os primeiros sinais de engajamento social e político entre mulheres africanas e afroamericanas no romance. E é também a partir dessas reuniões, somadas à experiência negativa com um namorado branco que não a compreendia enquanto mulher negra, que Ifemelu começa a escrever um blog, contanto com a identificação de outras mulheres com suas experiências.

Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog. Mais tarde ela mudaria o nome, mas no início ele chamava Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos. (ADICHIE, 2014, pp. 320-321)

Vale ressaltar que o blog de Ifemelu dialoga tanto com a mulher africana quanto com a afroamericana, e as experiências narradas na plataforma digital servem como instrumento de resistência, em que a protagonista, enquanto observadora e inserida no contexto social do país, pode expor suas reflexões acerca dos costumes locais.

Por esse ângulo, ser migrante funciona como ponto positivo para o país, quando refletimos sobre o alcance que o diário virtual de Ifemelu tem. A personagem, enquanto *outsider*, pode observar comportamentos habituais que passam despercebidos para a maioria dos habitantes inseridos desde o nascimento na cultura estadunidense. Badi analisa tal processo de troca positiva entre sociedade em um contexto mais amplo, quando afirma:

Las migraciones pueden contribuir al crecimiento económico o a la mejora del bienestar social de ambas sociedades (emisora y receptora) [...]. Se ha demostrado que participan de una manera determinante en la transformación de las culturas, las economías, lo social y lo político en un proceso de interacción

constante entre las sociedades, y en el caso africano, pueden generar transformaciones estructurales de las sociedades. (BADI, 2012, p. 24)

No entanto, podemos considerar que tais transformações descritas por Badi ocorrem por diversas vezes a nível individual, contribuindo para o todo. No caso do romance analisado, a protagonista não só tem a somar quando registra suas experiências em uma plataforma pública, com quando ela volta para a Nigéria, pode novamente se posicionar enquanto “estrangeira”, observando práticas que lhe eram naturais anteriormente.

Logo, apesar das dificuldades não só de adaptação ao modelo hegemônico vigente, mas do despertar e da resistência a esse mesmo modelo, evidenciam-se também pontos positivos nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, reafirmamos a teoria de que os grandes processos migratórios são quase sempre motivados pela economia mundial, que movimenta não apenas o capital, mas indivíduos que serão inseridos no modelo capitalista, estando dispostos a isso ou não. Podemos considerar como exemplo as grandes migrações dos séculos passados: as forçadas, em que escravizados eram trazidos para as Américas – e para o resto do mundo – como mão-de-obra, e as voluntárias, em que países que tinham interesse em receber migrantes facilitavam a migração e a adaptação dos chegados às terras. Em ambos os casos, esses deslocamentos foram realizados para aprimorar a economia dos países colonizadores em detrimento da economia dos colonizados.

No contexto contemporâneo observamos grandes fluxos migratórios como consequência de más condições de vida nos países periféricos, seja por guerras frequentes, ‘democraturas’ (Blondy) ou infraestrutura defasada. Resta definir se tais migrações seriam consideradas voluntárias ou forçadas, uma vez que por vezes as condições contrárias são mais persuasivas que a imposição violenta de um povo sobre o outro.

Basta observar a situação dos mares que ligam a África à Europa, como o Mar Mediterrâneo, por vezes referido como “cemitério de migrantes”. Sabendo das

circunstâncias adversas que enfrentarão ao migrar para a Europa, podemos apenas imaginar as dificuldades que milhares de famílias estão passando na África para optar pelas dificuldades que passarão no trajeto e na incerta chegada ao 'centro'. Ratificamos aqui a importância da obra de Adichie, que busca dar voz aos migrantes silenciados, principalmente das mulheres negras.

Além disso, chamamos, novamente, a atenção para o caso específico da mulher negra migrante, que sofre classificação negativa triplamente, não só sendo inferiorizada em relação a outros grupos, mas também sendo submetida a toda sorte de imposições hegemônicas.

Por fim, com o intuito de encerrar a análise proposta, apontamos para a necessidade de descolonização das mentalidades pós-coloniais. Apenas com a desconstrução do imaginário instituído pelo colonizador haverá possibilidade de resistência quanto ao modelo eurocêntrico vigente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BADI, Mbuyi Kabunda. **África em movimento**: migraciones internas y externas. Madrid: Ediciones Cataratas, 2012.

FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. In: SANCHES, M.R. (org.) *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.

MAESTRO, Susana Moreno. *Culturas africanas y migraciones: entre la imposición y la resistencia*. In: BADI, M. K. (coord.) **África em movimento**: migraciones internas y externas. Madrid: Ediciones Cataratas, 2012.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. **El océano de fronteras invisibles**: relecturas históricas sobre (¿el fin? de) la esclavitud en la novela contemporánea. Madrid: Verbum, 2014.

A MIGRANTE AFRICANA: PROCESSOS IDENTITÁRIOS E RESISTÊNCIA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o processo de migração retratado no romance *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, focando nas experiências vividas pela mulher negra, desde vivências em seu país de origem, passando pela descoberta enquanto negra e pela adaptação ao que se espera dela – tanto no que concerne à nacionalidade, quanto à raça e ao gênero –, e finalmente chegando ao momento do despertar crítico. Conclui que a mulher negra migrante sofre classificação negativa triplamente, não só sendo inferiorizada em relação a outros grupos, como também sendo submetida a toda sorte de imposições hegemônicas. Aponta, por fim, para a necessidade de descolonização das mentalidades pós-coloniais como forma de resistência ao modelo eurocêntrico.

Palavras-chave: Migração; Mulher negra; Processos migratórios; Chimamanda Ngozi Adichie.

THE AFRICAN IMMIGRANT WOMAN: IDENTITY PROCESSES AND RESISTENCE IN CONTEMPORARY CONTEXT"

Abstract: This article aims to present the migratory process portrayed in the novel *Americanah* (2014), by Chimamanda Ngozi Adichie, focusing on black women experiences, from the ones in their country of origin, through their discovery while black and the adaptation to what is expected of them – concerning nationality as well as race and gender –, and finally reaching the moment of critical awakening. It concludes that immigrant black women suffer triply from negative rating, not only being outclassed in relation to other groups, as well as being subject to all sorts of hegemonic impositions. Finally, it points to the need of post-colonial mentality decolonization as a form of resistance to the Eurocentric model.

Keywords: Immigration; Black woman; Migratory processes; Chimamanda Ngozi Adichie.

LA MUJER MIGRANTE AFRICANA: PROCESOS DE IDENTIDAD Y RESISTENCIA EN EL CONTEXTO CONTEMPORÁNEO "

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el proceso migratorio presentado en la novela *Americanah* (2014), por Chimamanda Ngozi Adichie, centrándose en las experiencias de las mujeres negras, desde las de su país de origen, a través de su descubrimiento en negro y la adaptación a lo que es que se espera de ellos, tanto en lo que respecta a la nacionalidad como a la raza y el género, y finalmente al momento del despertar crítico. Concluye que las mujeres negras inmigrantes sufren triplemente de una calificación negativa, no solo siendo superadas en relación con otros grupos, además de estar sujetas a todo tipo de imposiciones hegemónicas. Finalmente, señala la necesidad de la descolonización de la mentalidad poscolonial como una forma de resistencia al modelo eurocéntrico.

Palabras clave: Inmigración; Mujer de color; Procesos migratorios; Chimamanda Ngozi Adichie.

Submetido em Setembro de 2017
Aprovado em Novembro de 2017